https://journals.scientia.international/SIJEdu
Scientia International Journal for Education
Vol. 1, 1 (2026) | ISSNe 3127-9201
Tipo: Artigo de pesquisa | DOI: 10.56365/f946v461

# Brasil, que país é esse? Uma análise sobre a intersecção entre política, cultura e democracia

Maria de Fátima Bento Ribeiro[1*], Naiara Souza da Silva[2], Ângela Mara Bento Ribeiro[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Brasil; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3947-5121
[2]Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Brasil
[3]Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Brasil

* Autor correspondente: mfabento@hotmail.com.

**Resumo**

Este artigo analisa a intersecção entre política, cultura e democracia no Brasil contemporâneo, a partir do recorte temporal que vai de 2013 a 2025. Por meio de uma abordagem qualitativa de caráter documental e interpretativo, examinamos eventos políticos de alta repercussão, como os ataques de 8 de janeiro de 2023 e o julgamento de seus articuladores, em diálogo com manifestações culturais que emergiram no mesmo período, incluindo o carnaval, a música popular, o cinema e produções audiovisuais. O estudo parte do entendimento de que tais expressões não operam apenas como reflexo da conjuntura política, mas como espaços ativos de disputa simbólica e construção de memória coletiva. Nesse sentido, são reunidos sambas-enredo, mobilizações artísticas contra projetos de anistia e o filme *Ainda Estou Aqui*, compreendidos como práticas culturais que reelaboram experiências autoritárias e tensionam narrativas sobre a democracia. Ao articular acontecimentos institucionais e respostas culturais, o texto busca evidenciar como a cultura atua como dimensão constitutiva do debate público, mobilizando afetos, identidades e repertórios históricos. Sustentamos que, diante de um ciclo de crise e contestação democrática, as manifestações culturais participam da produção de sentidos sobre o passado recente e contribuem para processos de reconstrução simbólica no presente. Assim, o artigo propõe que o chamado *soft power* cultural brasileiro não se restringe à projeção internacional, mas também opera internamente como forma de resistência, memória e afirmação democrática.

*Palavras-chave: Política; Cultura; Democracia; Resistência; Brasil contemporâneo.*

**Detalhes do artigo | Avaliação por pares aberta**
Editado por:
Michel Goulart da Silva
Avaliado por:
Allan de Carvalho Rodrigues
Marcelo Sabbatini
Citação:
Ribeiro, M. F. B., Silva, N. S., & Ribeiro, Â. M. B. (2026). Brasil, que país é esse? Uma análise sobre a intersecção entre política, cultura e democracia. *Scientia International Journal for Education*, *1*(1), Artigo 33. https://doi.org/10.56365/f946v461

*Histórico do artigo*
Recebido: 16/12/2025
Revisado: 23/02/2026
Aceito: 27/02/2026
Disponível: 12/11/2026

© 2026 Os autores. Publicado por Scientia.International S.L. (Espanha). Artigo de acesso aberto sob licença CC BY 4.0 (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0).

## 1. Palavras introdutórias

Esta narrativa assume uma função documental: registrar, num fio histórico, eventos políticos e culturais do Brasil entre 2013 e 2025, costurando acontecimentos nacionais (eleições, julgamentos, manifestações) e expressões artísticas (samba-enredo, cinema, música popular, literatura). Nosso desejo pauta-se na materialização do tempo presente, como um gesto de "arquivar" discursos e práticas de um período tenso da história política recente. Aproximando-se, então, de uma crônica histórica interpretativa – híbrida entre o jornalismo de síntese e a narrativa de/sobre memórias –, a escrita é de quem quer preservar para o futuro uma leitura do agora.

Com uma abordagem qualitativa de caráter documental e interpretativo, articulando análise de discursos políticos, manifestações culturais e registros midiáticos, o texto não se propõe a uma reconstrução historiográfica exaustiva, mas à elaboração de uma análise inicial baseada em fontes públicas (discursos oficiais, cobertura jornalística, produções artísticas e manifestações culturais), compreendidas como dispositivos de memória social e política.

Os eventos políticos e as manifestações culturais aqui reunidas, foram selecionadas a partir de uma leitura que visa garantir coerência interpretativa e relevância simbólica. Em primeiro lugar, privilegiamos acontecimentos que produziram impacto institucional direto ou repercussão significativa no debate público sobre a democracia brasileira, seja por meio de decisões judiciais, mobilizações sociais ou disputas legislativas. Em segundo lugar, consideramos expressões culturais que alcançaram ampla circulação social e midiática, atuando como mediadoras de sentidos acerca do passado recente e das tensões políticas do presente. Foram incluídas, neste texto especialmente, manifestações capazes de mobilizar repertórios de memória, identidade e pertencimento, contribuindo para a construção, ou contestação, de narrativas democráticas.

Essa leitura a que nos referimos não busca esgotar o universo de eventos e produções culturais do período, ao contrário, trabalhar com recortes para uma narrativa, ainda que inicial, sobre a intersecção entre política, cultura e democracia, não foi uma tarefa fácil devido a outras possibilidades significantes. Por isso, buscamos identificar alguns casos emblemáticos nos quais política e cultura se entrelaçam de modo particularmente visível, revelando a dimensão simbólica das disputas em torno da democracia no Brasil contemporâneo. Resumidamente, podemos indicar que os eventos e expressões culturais analisados foram selecionados segundo três linhas de análise, sejam elas: a) impacto público e institucional na democracia brasileira; b) circulação simbólica ampla no debate nacional e internacional; e c) capacidade de mobilização cultural em torno da memória política recente.

O recorte temporal de 2013 a 2025 não responde apenas a uma delimitação cronológica, mas à compreensão de um ciclo de intensificação das disputas em torno da democracia brasileira. As manifestações de 2013 significaram, a nosso entender, um momento de reconfiguração do espaço público, marcado pela ampliação da participação política nas ruas e pela emergência de novos atores e discursos que passaram a tensionar instituições e consensos democráticos. A partir desse ponto, podemos observar a progressiva radicalização do debate político, que atravessa o *impeachment* em 2016, a ascensão de novas direitas, a eleição de 2018 e a crescente erosão da confiança institucional, culminando nos ataques de 8 de janeiro de 2023.

O desdobramento desses acontecimentos, especialmente o julgamento dos envolvidos e suas repercussões culturais e simbólicas até 2025, permite-nos observar ainda não apenas a crise, mas também os movimentos de resposta institucional e artística que constituem o foco deste estudo. Assim, o período selecionado permite observar a transição entre um momento de inflexão democrática – em que a ordem institucional passa a ser tensionada por disputas políticas intensificadas e por narrativas de contestação – e um estágio posterior marcado pela disputa de sentidos sobre esses acontecimentos. Nesse segundo momento, não se trata apenas da defesa formal das instituições, mas da construção de interpretações sobre o que ocorreu, quem são os sujeitos da crise e quais valores devem orientar o futuro. É nesse campo que a memória passa a ser mobilizada e

reelaborada por meio de práticas culturais, artísticas e midiáticas, configurando processos de reconstrução simbólica que buscam reafirmar, reinterpretar ou disputar o significado da democracia no Brasil contemporâneo.

Em síntese, estritamente para o que nos propomos, este trabalho dialoga com perspectivas que compreendem a cultura como dimensão constitutiva da política. Nesse direcionamento, aproximamo-nos da noção de *soft power*, trata-se de um conceito atribuído, principalmente, às reflexões de Joseph Nye no campo das teorias das relações internacionais, quando na capacidade de sedução, na atração de valores políticos e culturais, contrário à guerra. Também mobilizamos a ideia de memória cultural como se manifesta nas diferentes formas de expressão, registrando saberes, lugares e celebrações como, por exemplo, apresenta o Dossiê do Samba organizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e a noção de resistência simbólica enquanto prática de disputa de sentidos no espaço público, tal como, Michel de Certeau em perceber os caminhos da cultura cotidiana.

## 2. O Brasil em tempos de reconstrução democrática

Partimos de setembro de 2025, em que durante a 80ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em Nova York, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva abriu a sessão com um discurso que repercutiu no Brasil e no mundo. Tradicionalmente, cabe ao Brasil a fala de abertura, e Lula utilizou esse espaço para reafirmar a defesa da soberania nacional, do multilateralismo, da democracia e da justiça social e ambiental. O presidente também destacou a solidariedade à Palestina e à América Latina, criticou as pressões sobre Cuba e Venezuela e defendeu a regulação das grandes plataformas digitais.

Suas palavras, "Nossa democracia e nossa soberania são inegociáveis", ecoavam para além do plenário das Nações Unidas. A fala fazia referência ao recente julgamento que condenara um ex-chefe de Estado brasileiro por atentar contra o Estado Democrático de Direito, fato inédito em 525 anos de história nacional. O discurso sintetizava um momento de transição: o Brasil tentava consolidar sua democracia após anos de polarização política, de ataques às instituições e de crescente tensionamento social.

Lula ainda afirmava de forma contundente: "Diante dos olhos do mundo, o Brasil deu um recado a todos os candidatos a autocratas e àqueles que os apoiam. [...] Nossa democracia e nossa soberania são inegociáveis". Ao defender, assim, a democracia e a soberania, enviava um recado ao presidente dos Estados Unidos Donald Trump, em um dos momentos de grande tensão na relação entre os dois países, diante das tarifas de 50% impostas aos produtos brasileiros e da tentativa de pressionar o julgamento contra o ex-presidente Jair Bolsonaro e da aplicação da Lei Magnitsky contra Alexandre de Moraes.[1] Com a repercussão desse discurso, dentro e fora do país, a atriz brasileira Fernanda Montenegro, em sua rede social, por exemplo, compartilhou uma mensagem de agradecimento e admiração: "Presidente Lula, o senhor dignificou, o senhor honrou o nosso Brasil ao pronunciar seu extraordinário discurso na abertura da Assembleia da ONU".

Quando Lula assumiu o seu terceiro mandato como Presidente da República, em seu discurso de posse, a defesa da democracia era destacada – "democracia sempre". A luta contra o crescimento da extrema-direita passou a ser uma de suas metas, em uma das eleições mais "polarizadas"[2] que foi para o segundo turno com o candidato Jair Bolsonaro (PL) que tentava reeleição, em uma campanha que envolveu a população brasileira de diferentes faixas etárias, classes, credos etc. O debate foi tão intenso que mortes foram motivo de destaque nas manchetes de diferentes cidades brasileiras, como Salvador e Foz do Iguaçu.[3]

Em janeiro, após a repercussão internacional que teve sua eleição, o presidente emocionou uma parcela do Brasil, ao subir a rampa presidencial para a sua posse ao lado de diversos representantes do povo brasileiro, como o cacique Raoni, uma das lideranças indígenas do país e ativista na defesa dos povos originários,

[1] _____ Semanas após a fala do presidente, em 06 de outubro, o presidente Trump fala com o presidente Lula via telefone e nomeia seu secretário de Estado Marco Rubio para negociar as tarifas impostas ao Brasil.

[2] Lula 50,90% e Jair Bolsonaro 49,10%.

[3] Ver: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2690/1774. Acesso em: 07/10/2025.

também uma catadora de recicláveis, um metalúrgico, uma pessoa com deficiência, um estudante e uma criança preta.

Abaixo, apresentamos a imagem da posse do presidente Lula:

Figura 1. A posse do presidente Lula



Fonte: https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/01/lula-toma-posse-diante-de-centenas-de-milhares-em-brasilia-reafirma-compromissos-de-combate-a-pobreza-e-defende-a-democracia.ghtml.

Uma imagem emocionante, de um lado, e, de outro, outras também apareceram de tristes acontecimentos. O país assistia ao vivo, transmitido pelas redes de televisão e pelas redes sociais, milhares de pessoas, apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, invadindo a Sede dos Três Poderes em Brasília, depredando o patrimônio com agressividade, numa onda de violência assustadora.

Figura 2. A invasão




Fonte: https://www.camara.leg.br/noticias/1030327-memoria-8-de-janeiro-fotos-ineditas-mostram-danos-provocados-na-camara-e-no-senado-pelos-invasores/.

Figura 3. Os atos



Fonte: https://www.camara.leg.br/noticias/1030327-memoria-8-de-janeiro-fotos-ineditas-mostram-danos-provocados-na-camara-e-no-senado-pelos-invasores/.

Figura 4. A depredação



Fonte: https://www.camara.leg.br/noticias/1030327-memoria-8-de-janeiro-fotos-ineditas-mostram-danos-provocados-na-camara-e-no-senado-pelos-invasores/.

O 8 de janeiro de 2023 no Brasil organizado pelos apoiadores de Jair Bolsonaro, foi comparado ao 06 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos, pelos apoiadores de Donald Trump, ambos os movimentos reclamavam do resultado das eleições, questionando as urnas eletrônicas no caso brasileiro e dos correios nos Estados Unidos, sem nenhuma prova de fraude, com o objetivo central de desqualificar o processo democrático e ao sistema eleitoral. Importante destacarmos que além das semelhanças na invasão e da depredação dos prédios que representam espaços de poder, no Brasil a praça dos Três Poderes em Brasília e, nos Estados Unidos o Capitólio em Washington, os eventos são reveladores na perda da confiança na política e na democracia impulsionados pelas crises e pelo fenômeno do surgimento e do uso das redes sociais, que foram tão importantes para a vitória de lideranças que representam a extrema-direita, em 2018 de Jair Bolsonaro e 2016 de Donald Trump, ambos não se reelegem e provocam manifestações de janeiro. Em ambos os casos, portanto, observamos a mobilização de narrativas de fraude eleitoral e o uso de símbolos nacionais como instrumento de legitimação política, revelando dinâmicas transnacionais de radicalização.

Anos depois, em 2 de setembro de 2025, foi iniciado o julgamento inédito dos envolvidos na trama golpista e na tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito, que culminou no dia 08 de janeiro de 2023 com os ataques em Brasília, recém apresentados. Com transmissão ao vivo, colocava-se, pela primeira vez, no banco dos réus, sete militares de alta patente e o ex-presidente Bolsonaro – talvez, um dos julgamentos mais importantes da República.

Em 9 de setembro deste ano, o Ministro Alexandre de Moraes, Relator do processo, apresentava sua argumentação sobre o caso de tentativa de golpe e da abolição do Estado de Direito, expondo uma linha cronológica e explicando que a trama golpista estava sendo planejada desde 2021[4]. Segundo ele, não foram ações isoladas, e Bolsonaro teria sido o líder, o "líder da organização criminosa". O Ministro Flávio Dino,

[4] Uso de órgãos públicos para monitorar adversários, divulgação de mentiras contra o Supremo; Ações para atacar a Justiça Eleitoral contra o resultado do pleito de 2022; Uso de Lives do ex-presidente deslegitimando as urnas; Tentativas contra o Poder Judiciário nos atos realizados na Paulista em São Paulo no dia da independência em 7/09/2022; Convocação de embaixadores para deslegitimar eleições em 18/07/2022; O uso da Polícia Federal para impedir ou dificultar os eleitores no Nordeste. Uso da área técnica das Forças Armadas para questionar as urnas eletrônicas; Bloqueio das rodovias e acampamentos em quartéis por seguidores; Monitoramento de autoridades eleitas; Representação do PL contra as urnas; Reunião dos "kids pretos" para planejar atentados contra autoridades (Presidente Lula, vice-presidente Alckmin, e o ministro do Supremo Alexandre de Moraes); Tentativa de invasão da sede da Polícia Federal e queima dos veículos no dia da diplomação do Lula em 12/12/2022; Tentativa de explodir o aeroporto de Brasília com bomba em caminhão de combustível em 24/12/2022; Execução do Plano Punhal Verde Amarelo, para matar autoridades, e desdobramentos; Edição da minuta do golpe de Estado e reunião com comandantes para discutir o golpe; Atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 em Brasília, quebrando sedes dos Três Poderes.

usando o humor, lembrou que os acampamentos estavam localizados na frente dos quartéis e não das igrejas, e a Ministra Cármen Lúcia refletiu sobre a história e a memória, ao afirmar que o Brasil se encontrava com seu passado, presente e futuro.

Esse julgamento ganhou espaço midiático, nacional e internacional, *The Economist* trouxe uma capa com a imagem de Jair Bolsonaro, salientando que o julgamento foi uma "lição de democracia" para o mundo – "Brazil offers a lesson in democracy to an America that is becoming more corrupt, protectionist and authoritarian". O *The New York Times* publicou uma reportagem chamando a atenção para o fato de o Brasil ter acertado onde os Estados Unidos falharam "*Brazil Just Succeeded Where America Failed*".

Figura 5. A revista




Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgln787rjndo.

Enquanto o julgamento corria no Supremo Tribunal Federal, a Câmara dos Deputados organizava-se para pressionar a pauta da "anistia" para os envolvidos na trama golpista. Convém lembrarmos que, muitos julgamentos dos envolvidos, que invadiram a Sede dos Três Poderes em Brasília, já haviam ocorrido anteriormente.[5] A imprensa brasileira, em seus editorias, também condenou esse projeto de anistia, o *Estadão,* por exemplo, trouxe o seguinte título: "Acordo por anistia a golpistas é pornográfico", com uma parte do texto que descrevia: "Urdida nos subterrâneos do Congresso, uma eventual impunidade para os acusados de tramar um golpe de Estado ora em Julgamento no STF é juridicamente teratológico e moralmente inaceitável"[6].

Dessa perspectiva, o 8 de janeiro e o julgamento dos golpistas, a nosso entender, é uma lição de democracia. Ao trazermos a descrição dos ataques em Brasília (08/01/2023), o julgamento no STF (setembro de 2025) com os principais ministros, argumentos e repercussão nacional e internacional, a reação da imprensa e da sociedade civil, os movimentos contrários (projeto de anistia, PEC da Blindagem) e as manifestações populares em defesa da democracia, buscamos registrar os acontecimentos e as reações institucionais.

## 3. Cultura em resistência: arte, música e memória democrática

No dia 21 de setembro de 2025, várias cidades organizaram manifestações populares, e artistas reuniram-se para protestarem contra o Projeto de Lei da Anistia, em andamento, na Câmara Federal de Deputados e a Aprovação da PEC da Blindagem, que amplia o foro especial e protege os parlamentares em relação a investigações criminais. Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Paulinho da Viola, Djavan, juntos, em um trio elétrico na Orla de Copacabana, Rio de Janeiro/RJ, faziam uma grande manifestação em ato de protesto. A multidão brasileira cantou com Chico e Gil a música *Cálice*, uma composição lançada em 1978 durante a Ditadura Militar no Brasil que iniciou em 1964 e durou 21 anos. A referida música é considerada um símbolo de luta e de resistência[7].

[5] Foram 1.630 denunciados na trama, sendo que 554 se arrependeram e aceitaram fazer acordo com as autoridades de não persecução penal, 683 foram condenados, 11 absolvidos e 382 ações penais se encontram em andamento.

[6] Ver: https://www.estadao.com.br/opiniao/acordo-por-anistia-a-golpistas-e-pornografico/. Acesso em: 10/10/2025.

[7] Cabe reconhecermos e validarmos que a cultura não opera exclusivamente como vetor de resistência democrática. No mesmo período, podemos destacar a emergência de mobilizações culturais de viés conservador, especialmente associadas à produção gospel e a redes religiosas, que também disputam sentidos no espaço público. A cultura constitui um campo de conflito simbólico, e não apenas de resistência.

Figura 6. Os artistas




Fonte: https://tvtnews.com.br/rio-de-janeiro-reune-artistas-contra-anistia/.

Anteriormente, em novembro de 2024, artistas já se apresentavam em defesa da democracia, como no *Festival Aliança Global Contra a Fome e a Pobreza*, no RJ, cuja mensagem da iniciativa abrangia a defesa da democracia e o combate às desigualdades sociais. A primeira-dama, Janja Lula da Silva, comparou este gesto com outros *shows* históricos que uniram arte e política.

No campo audiovisual, produções documentais também têm desempenhado papel relevante na disputa de narrativas sobre a democracia brasileira recente. O documentário *Apocalipse dos Trópicos* (2024), de Petra Costa, contribui para compreender o entrelaçamento entre religião, política e mobilização social no país, ao evidenciar como determinados discursos religiosos foram incorporados à arena pública e às disputas institucionais. Ao trazer à tona a atuação de lideranças e movimentos que articulam valores morais, identitários e projetos de poder, a obra amplia o campo de leitura sobre os conflitos contemporâneos, mostrando que a cultura – também em sua dimensão audiovisual – não apenas reage aos acontecimentos políticos, mas participa ativamente da construção de sentidos sobre a crise democrática e seus desdobramentos.

No campo da arte, ainda, o carnaval como sendo considerada a maior festa popular do nosso país, e um fenômeno cultural, os desfiles das escolas são marcados por influências políticas, sociais e culturais. O tema da política nos enredos não é uma novidade, o belo samba que trouxe o título para a *Imperatriz Leopoldinense* em 1989, “Liberdade, liberdade, abra as asas sobre nós”, festejava os 100 anos da Proclamação da República.

Em 2020 o humorista brasileiro Marcelo Adnet, fantasiado de presidente Jair Bolsonaro, desfilou na *Escola São Clemente*, RJ. O enredo "O Conto do Vigário: uma crítica social em forma de samba" usou a figura clássica do conto do vigário para criticar golpes e fraudes na sociedade brasileira contemporânea. A letra do samba abordava a corrupção política disfarçada ("vigário de gravata"), a desinformação através de *fake news*, a manipulação tecnológica (como o VAR) e a superficialidade das redes sociais. A performance tornou-se um dos assuntos mais comentados na mídia.[8]

[8] Ver: https://brasil.elpais.com/verne/2020-02-25/o-carnaval-da-critica-politica-vai-dos-blocos-as-escolas-de-samba.html. Acesso em: 03/10/2025.

Figura 7. O carnaval



Fonte: https://www.terra.com.br/diversao/bolsonaro-e-alfinetado-em-desfile-de-escolas-de-samba-no-rio,5811fa5862c689401f91a32b8b5f3a72w8ivdrn2.html.

Assim como *São Clemente*, a *Estação Primeira de Mangueira* desfilou com o enredo “A verdade vos fará Livre”, abordando a história de Jesus Cristo, associando-o às minorias e aos desfavorecidos, ao fundamentalismo cristão e à intolerância, apresentando uma visão de Jesus como um indivíduo negro, indígena e mulher, que interage com as periferias da sociedade. A escola também fez críticas diretas ao então presidente Jair Bolsonaro ao questionar a figura do "messias de arma na mão".

Em 2024, o *Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela*, RJ, trouxe o desfile baseado no belíssimo livro “Um defeito de cor”, obra de Ana Maria Gonçalves. Poucos dias após o desfile, a obra tornou-se o livro mais vendido no *Amazon*, ampliando a temática da luta pela liberdade por meio do incentivo gerado pelo samba enredo na Sapucaí. O tema ancestralidade e a luta pela liberdade é uma homenagem às mulheres negras, “luta pela sobrevivência e construção da nação”.

Também em 2024, o *Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro,* RJ, emocionou os foliões na defesa dos povos Yanomami com o samba enredo “Hutukara”, e trouxe uma narrativa política com o samba construído em homenagem à liderança de Davi Kopenawa, enfatizando “yanomami como guerreiros e não vítimas”, a luta pela sobrevivência ameaçada pelo garimpo ilegal, a resistência do próprio povo no enfrentamento de crise sanitária e humanitária no maior território indígena no Brasil.

Figura 8. O líder indígena no Carnaval



Fonte: https://sumauma.com/carnaval-2024-salgueiro-mostra-a-dor-e-a-beleza-de-ser-yanomami/.

Após as belas apresentações carnavalescas, a atenção volta-se, para além das questões políticas, em 2025, para a cerimônia de premiação do Oscar. O filme brasileiro “Ainda Estou Aqui” de Walter Salles, venceu como melhor filme internacional, ainda concorrendo a artista Fernanda Torres à categoria de melhor atriz. O

Brasil ganhou sua primeira estatueta da história, na 97ª edição do Oscar, o prêmio mais importante do cinema mundial.

Figura 9. O filme




Fonte: https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ainda-estou-aqui-ganha-novo-poster-apos-vitoria-no-oscar-veja/.

Na sequência, Fernanda Torres foi homenageada no país pela representatividade que expressou em sua atuação.

Figura 10. A Fernanda em boneco



Fonte: https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/fernanda-torres-agradece-de-joelhos-por-homenagem-com-boneco-de-olinda/.

Figura 11. A Fernanda nas ruas




Fonte: https://gshow.globo.com/globoplay/noticia/fernanda-torres-e-homenageada-em-mural-gigante-em-porto-alegre.ghtml.

O filme foi inspirado no livro de Marcelo Rubens Paiva, publicado em 2015, de cunho autobiográfico sobre a família Paiva, cuja narrativa se dá em torno da luta da advogada e ativista Eunice Paiva, reconhecida pelo trabalho em prol dos direitos humanos, na defesa dos povos originários, na busca da democracia, da verdade e da justiça. O filme retrata justamente a sua busca incessante para descobrir o paradeiro do jornalista e deputado Rubens Paiva, seu esposo, após o desaparecimento.

O filme em questão tornou-se um importante veículo de divulgação da cultura brasileira no plano internacional – um poderoso veículo de divulgação da cultura de um país, *soft power*. A luta contra os abusos e o autoritarismo de projetos ditatoriais, somada à busca de Eunice pelo desaparecimento do deputado Paiva, é uma mensagem permitida pelo Oscar que colocou o filme em evidência, na pauta cotidiana, mostrando que se trata de um diálogo necessário, principalmente quando assistimos manifestações com material solicitando o retorno da pauta do AI5 que se refere às medidas autoritárias e repressivas contidas no Ato Institucional n. 5, o mais severo decreto emitido pela Ditadura Militar no Brasil.

Em *Cálice*, de 1978, a denúncia já estava dada, os horrores da ditadura e o desaparecimento de milhares de corpos brasileiros. Para os jovens que não viveram esse período e para a luta democrática que deve ser constante, não apenas nos períodos eleitorais, este filme e não só ele, mas a arte, vem em constante movimento de resistência ao fortalecimento e defesa da democracia no Brasil. Para nós, a arte e a cultura são formas de resistência simbólica, e mantém viva a memória democrática.

## 4. Conclusão: Cultura, política e a luta permanente pela democracia

Este texto, como antes salientado, estrutura-se como uma narrativa de acontecimentos políticos e culturais recentes no país, costurando discursos de diferentes esferas: política institucional (presidência, STF), midiática (jornais, revistas), artística (carnaval, cinema, música), e popular (manifestações). O fio que nos conduz é o discurso da defesa da democracia e da cultura como resistência, cumprindo com uma visão panorâmica da intersecção entre política, cultura e democracia no Brasil contemporâneo.

Como todo recorte interpretativo, este estudo apresenta limitações, especialmente no que se refere à seleção de eventos e manifestações culturais analisadas, bem como à impossibilidade de abarcar a totalidade das disputas simbólicas em curso. Reforçamos que a seleção das manifestações culturais aqui apresentadas não pretendeu ser exaustiva, mas ilustrativa de formas distintas de engajamento simbólico com a democracia: protesto direto, reelaboração histórica e memorialização de experiências autoritárias.

Diante dos acontecimentos que marcaram o Brasil desde 2013, com o surgimento de grupos de direita nas ruas defendendo pautas reacionárias, e culminando nos ataques de 8 de janeiro de 2023, evidenciamos a urgência em fortalecer os debates em torno da democracia. O crescimento da influência do grupo dos Evangélicos Neopentecostais, que teve papel central na eleição de Jair Bolsonaro e ganhou destaque no Congresso Nacional, reforça como setores religiosos podem impactar significativamente a esfera política.

O ataque às instituições democráticas em 2023, colocou o Brasil no mapa das democracias em risco, exigindo uma reorientação tanto da política interna quanto da política externa. Nesse sentido, Celso Lafer aponta as perdas do governo Bolsonaro no campo diplomático, marcadas pelo isolamento e pela deterioração das relações multilaterais. Em contraposição, o retorno de Lula ao poder reabilita o Brasil no cenário internacional, com uma agenda voltada para o meio ambiente, a preservação da Amazônia e o fortalecimento das instituições multilaterais – aspectos reforçados por sua escolha de Marina Silva como ministra do Meio Ambiente e por seu discurso na ONU.

O Brasil, com seu forte *soft power*, cultura vibrante e biodiversidade única, reencontra seu papel de liderança no cenário global. Mais do que uma celebração, trata-se do reflexo de uma nação que busca reencontrar-se com seus valores democráticos, sociais e ambientais, reafirmando sua identidade diante do mundo e de si mesma. Os acontecimentos analisados indicam que a disputa pela democracia no Brasil não se limita às instituições formais, mas se estende ao campo simbólico, onde narrativas, imagens e performances culturais operam como arenas de legitimação política.

## Referências

Certeau, M. de. (1994). *A invenção do cotidiano: Vol. 1. Artes de fazer*. Vozes.

Fico, C. (2025). *Utopia autoritária: Como os militares ameaçam a democracia brasileira desde o nascimento da República até hoje*. Crítica.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2014). *Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro: Partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo*. Iphan.

Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.

Lafer, C. (2023). *2023: Rumos e desafios da política externa de Lula*. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. https://direito.usp.br/noticia/a5c461a6fad1-2023-rumos-e-desafios-da-politica-externa-de-lula

Marques, K. (2025). *Como entender o fascismo nos atuais movimentos de extrema-direita e desdemocratização: Análise dos casos brasileiro e estadunidense* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Pelotas].

Napolitano, M. (2006). *Cultura e poder no Brasil contemporâneo*. Juruá. (Trabalho original publicado em 2002)

Nye, J. S., Jr. (2004). *Soft power: The means to success in world politics*. PublicAffairs.

Ribeiro, M. F. B., & Silva, N. S. (2024). Cultura e identidade nacional: Reflexões sobre a camisa da seleção brasileira de futebol. *Intellector*, *21*(41).

Ribeiro, M. F. B., & Silva, N. S. (2025). Democracia para sempre: Uma historicização necessária no âmbito da política no Brasil. *RELACult: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, *11*(ed. esp.). https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2690

Silva, N. S., & Ribeiro, M. F. B. (2023). A camiseta canarinho da seleção brasileira de futebol. *FuLiA/UFMG*, *8*(1), 62–82.

Souza, A. B. A. (2025). *Da falta de memória à crise: Um estudo de caso das ditaduras militares nas crises políticas latino-americanas* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Pelotas].